

# 1. Gilda!

1947

Adentrou o gramado o Fluminense, perfilando-se defronte às sociais. Seus atletas foram aplaudidos com frenesi. O Botafogo, ao fim do trote, tomou a tradicional chuva de vaias. Fazia parte do espetáculo.

Heleno de Freitas, o ídolo da massa alvinegra, batia bola para se aquecer. A aristocrática social de Álvaro Chaves não o perdoava, xingando-o sem cessar sempre que por lá colocava os pés. Afinal, jogara na base tricolor, era um “traidor”. O centroavante, titular da seleção brasileira, seguia tranquilamente se exercitando. E com um quê de narcisismo. Bem ou mal, adorava ser reconhecido.

Quando o Botafogo saía de casa para enfrentar times pequenos, os zagueiros o cutucavam:

– Lá vem o “viadinho” de Copacabana.

Tudo porque deixava o vestiário com as pernas brilhando da massagem de aquecimento, encharcadas de óleo. E um penteado à base de gomalina que, aliado à beleza física, dava-lhe um ar de Rodolfo Valentino de chuteiras. Era uma vedete.

Ao dar o pontapé inicial, rolando para Otávio, Heleno escutou um grito diferente:

– Gilda!

Reconheceu a voz – era um amigo seu, tricolor, do “Clube dos Cafajestes” –, sorriu, aceitou o desafio.

Começava o jogo.

Aquele berro despertou a argúcia da torcida pó de arroz, a do Fluminense, assim chamada com desdém pelas massas rivais por causa de seu perfil aristocrático. Gilda remetia à personagem de Rita Hayworth no filme homônimo de Charles Vidor, que estreara cinco dias antes na cidade. Não havia apelido melhor. Gilda era mulher linda, glamourosa e temperamental. Capaz de derrubar homens cantando e jogando suas luvas para eles. Atributos que se encaixavam, exceto pelas luvas e melodias, em Heleno de Freitas de forma perfeita. Não tardou em virar coro da multidão.

– Gilda! Gilda! Gilda! – os torcedores do time da casa já começavam a incomodar. Heleno não podia pegar na bola que escutava a saudação. Começava a ser travada uma espécie de guerra psicológica, que, embora tentasse disfarçar, o desestabilizava emocionalmente.

Corajoso, impetuoso, Heleno seguia lutando, louco para fazer um gol. Quando errava um chute, não escapava da gozação:

– Gilda! Gilda! Gilda! – a massa se divertia, aliviava o espírito.

Sujo, no empurra-empurra da área, nos escanteios, segurava os colhões de adversários, artimanha que aprendera com os argentinos.

– Gilda! Gilda! Gilda!

Num lance, atracou-se com o meia Orlando Pingo de Ouro.

– Gilda! Gilda! Gilda!

Assim que o juiz Mário Vianna virou as costas para os dois, Orlando deu uma cotovelada em Heleno. Irascível, o goleador alvinegro se vingou sem medir consequências. Com força diabólica, arrancou o cordão do pescoço dele.

– Gilda! Gilda! Gilda!

A torcida teimava em não se calar. Nas arquibancadas e sociais, uma festa só. Ainda mais com o resultado nitidamente dando certo. Ainda que o Botafogo estivesse vencendo, Heleno estava a um passo da insalubridade. Maliciosos, o teste psicológico perduraria por todo o segundo tempo.

Heleno se martirizava a cada “Gilda!”. As provocações minavam-lhe mais e mais os nervos já desgastados. E não era só “Gilda!”. Marchinha de carnaval da época, o público esgoelava-se cantando “Helena, Helena,

vem me consolar!”, música de Antonio Almeida. O centroavante reagia. Ou correndo até a lateral do campo para ensaiar passos de Carnaval, ou distribuindo “bananas” para as arquibancadas.

– Escandalosa! – berrava um ou outro. Mas “Gilda! Gilda! Gilda!” era o som que tomava conta do ambiente. E de seu espírito atormentado.

O ídolo reagiria de forma agressiva. Agressiva e pornográfica. Sabendo que a alta burguesia das Laranjeiras concentrava nas cadeiras várias senhoras de família, Heleno fez que ia mostrar a genitália para as sociais.

– Uh! Cafajeste! – respondiam. E tacavam veneno, em perfeita sincronia: – Gilda! Gilda! Gilda!

“Houve um instante em que a torcida tricolor gritou com todas as suas forças: ‘Gilda! Gilda!’ Heleno olhou o placar, meditou, e só depois de concluir a jogada colocou o indicador e o médio em V, como que antecipando a conquista do segundo gol. E teve sorte, porque Teixeira fez o segundo.”<sup>1</sup>

O Botafogo ganhou de 2 × 1. O outro gol foi assinalado por Geninho. Ironizando os tricolores – fez sinais de que espalhava pó de arroz pelo rosto –, Heleno de Freitas, a melhor figura em campo, saiu do gramado nos ombros da torcida.

Duas semanas depois, o astro viveu o mais memorável dia de sua carreira. Na última partida do turno, 12 de outubro de 1947, o estádio da rua General Severiano ficou pequeno para Botafogo e América. Foi um jogo fantástico. Incansável, destemido, Heleno fez dois belos gols. Era um virtuose da pelota. Na metade do segundo tempo o Glorioso se acomodou, permitindo que o time rubro crescesse e, surpreendentemente, empatasse. O pior estava por vir. O goleiro Ary Nogueira César tomou uma bolada na cabeça e desmaiou. Como o médico não conseguiu reanimá-lo, teve de deixar o campo. O zagueiro Gérson dos Santos passou a tomar conta das traves. Qualquer chute a gol era um golpe de emoção nos corações botafoguenses.

Com a igualdade no marcador, Heleno teve uma crise de nervos. Friamente, buscou a bola nas redes e a levou ao meio, mas o que se viu no restante do jogo foi um atacante alucinado. Gesticulava sem parar, incitava os companheiros, xingava deus e o mundo. Revoltado, o treinador Ondino Viera chegou perto dele numa jogada colada à linha lateral e gritou:

– Continue assim que eu vou te responsabilizar pelo placar!

Heleno retribuiu com um olhar cheio de ódio. De repente, começou a fazer misérias em campo. Numa investida, sozinho com a bola dominada, quase marcou seu terceiro. Aproximava-se o final do jogo e os zagueiros americanos não desgrudavam do artilheiro.

“Mas veio uma bola alta na área e Heleno saiu do chão como um bailarino clássico, leve, macio, fácil, como se tivesse asas... Ninguém pôde impedir que ele mandasse a bola de cabeça para um companheiro, que a devolveu alta. Na corrida, um salto de Heleno e cabeçada magistral no canto. Então, houve outro milagre: o goleiro Osni voou e, com a ponta dos dedos, pôs a *corner*. Aí só faltaram agarrar o Heleno e amarrá-lo.

“Devia faltar um ou dois minutos. Heleno fingiu desinteresse no *corner* e saiu da área para amarrar as chuteiras. Todos os zagueiros se preocuparam então com Nílton, *half* forte e alto, bom cabeceador. Todos pularam sobre Nílton, que deixou a bola passar. Heleno entrou na área como um tufão e a bola foi limpinha para ele. Osni subiu de braços abertos, mas Heleno, lá no alto, deu com a testa na esfera e a mandou ao chão, bem no cantinho atrás dele. Nem sei como pôde fazer isso”, escreveu, estupefato, o presidente da Federação Metropolitana de Futebol – e sobrinho de Getúlio – Vargas Neto, colunista do *Jornal dos Sports*.

Narrando a partida pela Rádio Globo, Luiz Mendes se recorda de que, depois de seu terceiro gol no jogo, Heleno deu um pique até Ondino e vociferou:

– Agora, seu gringo filho da puta, quero ver você me responsabilizar!

O árbitro apitou o fim da batalha, Botafogo 3 × 2. Imediatamente os companheiros alvinegros o carregaram em triunfo. Era normal que torcedores, enlouquecidos, invadissem o campo e suspendessem seus heróis nos ombros. Mas os próprios jogadores, era um fato novo. Uma prova de que era mesmo diferente. De que nunca houve um homem como Heleno.

## 2. Rebelde sem causa

1920-1933

Heleno nasceu em berço esplêndido, numa tradicional família de São João Nepomuceno, município inserido na mesorregião da Zona da Mata mineira, e que faz parte da microrregião de Juiz de Fora. A cidade, cuja população é estimada em 25 mil pessoas, localiza-se a 322 quilômetros da capital do estado, Belo Horizonte. Da cidade do Rio de Janeiro distancia-se 247 quilômetros.

Com parcos 408 quilômetros quadrados, a mineira São João Nepomuceno não passava de uma bucólica cidade entre montanhas e carros de boi, com ruas, vielas e calçadas de pedras rombudas, que somente aos domingos se mexia, graças ao movimento da roça que vinha para a missa. Conhecida como cidade garbosa, da moda e da alegria, terra de belíssimas cachoeiras, trilhas, rios, matas, ainda hoje é possível se admirar fazendas, ricos casarões coloniais, alegria e receptividade em sua gente. E um patrimônio histórico que remete aos tempos dos barões do café.

Em 1920, Oscar de Freitas não era barão, mas um próspero negociante de café. E não só de café. A Casa Americana, propriedade sua, também refinava açúcar. Os Freitas, que sempre ocuparam cargos importantes e de destaque na Velha República, tinham negócios variados, como roupas, armarinhos, ferragens, louças, chapéus, calçados, papéis e tintas. Oscar era sócio de seu irmão Lincoln, o mais abastado da família, e de Gomes de Freitas, que se desdobrava para acumular, juntamente com os negócios, a

gerência da agência da Caixa Econômica local. Uma de suas irmãs, Maria de Freitas, casou-se com o advogado Francisco Zágari, e a outra, Ida, com Carlos Pinheiro, que exercia cargo de destaque no Banco do Brasil. O outro irmão, Euclides, era médico. Enfim, entre os Freitas nunca se aventaria a hipótese de que fossem gerar para o mundo um jogador de futebol.

Natural de Pombal, Oscar era casado com uma moça de Cataguases, mas criada em Ouro Preto, chamada Maria Rita de Freitas. Perdendo a bela silhueta com o passar dos anos, não perdia o respeito na cidade. Chamada por todos de Dona Miquita, orgulhava-se de ser uma das primeiras professoras do Grupo Escolar Coronel José Braz, onde seus filhos cursariam o primário.

Embora se completasse um quinto de século XX, não só São João Nepomuceno como todo o país parecia ter se estagnado no anterior. Poucas eram as mudanças permitidas por aquele rodízio, aparentemente eterno, entre presidentes ora de Minas ora de São Paulo. Naquele começo de ano, Eptácio Pessoa dirigia a nação de pouco mais de 30 milhões de pessoas. As finanças não iam mal; permitiam até despesas de vulto. Enquanto as duas paixões nacionais – o futebol e o Carnaval – floresciam.

Em âmbito mundial, sem sequer imaginar que se tornaria uma marca milionária, aos trinta anos a inglesa Agatha Christie explodia com *O misterioso caso de Styler*. E, se sua literatura seria sucesso no Brasil, o que dizer do esporte nacional, que traduzia cada vez mais a autoconfiança do povo? Na metade do ano, quando pela primeira vez participaram de uma Olimpíada, os brasileiros conquistaram, nos Jogos da Antuérpia, na Bélgica, suas três primeiras medalhas. Todas na prova de tiro. Inclusive uma de ouro.

Antes disso, porém, as emoções do Carnaval. Se o Rio foi contagiado pelas primeiras marchinhas, São João Nepomuceno não deixou por menos. A cidade se dividiu entre os bailes dos clubes Democráticos e Trombeteiros de Momo, além dos blocos e cordões de rua, que, em meio a palmas e vivas dados em profusão, atraíram centenas de visitantes dos municípios vizinhos.

Todavia, numa das noites carnavalescas, o clima em uma das casas da rua do Totó<sup>1</sup> estava longe de ser festivo. Enquanto Dona Miquita dava à luz um novo rebento, na chácara da família, aos vinte minutos do dia 12 de feve-

reio, os Freitas passaram maus bocados para salvar filho e mãe. Tamanha a aflição que Dona Miquita, mulher de muita fé, fez até uma promessa: dar ao filho, ou filha, nome de santo, caso sobrevivesse. Como era devota de Santa Helena, por nascer homem, decidiu, seria Heleno. Heleno de Freitas. Nada melhor que um nome abençoado para protegê-lo ao longo da vida.

Cresceria o pequeno Heleno ao lado dos cinco irmãos, Rômulo, Marina, Heraldo, Oscar e Vera Maria – os gêmeos Lúcio e José Lúcio morreram ainda crianças.

Marina era a mais velha. Gordinha, cabelos pretos que escorriam até os ombros, revelava desde pequena, ninando bonecas no colo, traços da dona de casa cuidadosa e amorosa que seria. Ajudaria muito a mãe a cuidar dos irmãos. Como Rômulo, seu primeiro, e que lhe deu muito trabalho. Lindo semblante, bem moreno, cabelos em forma de onda e olhos azuis que, quando molhados, tendiam ao verde, se jamais gostou de brincar de bola, assim que cresceu passou a se gabar do seu indiscutível sucesso com as mulheres. Antes de se formar, no Rio de Janeiro, em direito, Rômulo chamava a atenção por sua beleza e simpatia. Quando bem-sucedido, trabalhando no departamento jurídico do Sesc, casou-se e teve herdeiros, sem jamais deixar de aventurar-se na boemia do então Distrito Federal.

Segundo homem a nascer, desde pequeno Heraldo apresentava-se como o de melhor gênio. Sorridente, cativava as pessoas com um olhar. Cresceu sempre amigo, alegre e comunicativo. Nas peladas era dos primeiros a ser escolhido. Muitos o aconselhavam a seguir a carreira de jogador de futebol, mas, com problemas sucessivos no joelho, teve de abandonar a bola. Mesmo assim, seria diretor do Mangueira Futebol Clube, um dos melhores clubes da região. Magro, 1,78 metro de altura, olhos negros como os cabelos, também se formaria em direito no Rio, mas para voltar e trabalhar em sua terra.

Oscar seria outro a desistir do futebol, apesar do dom. Quatro anos mais velho que Heleno, foi a criança mais pacata e tranquila da casa. Sossegado, para não dizer fechado, só se rebelava quando, jovem, o chamavam de Oscarito – personagem que fazia sucesso em peças e filmes. Com olhos claros, cabelos lisos e 72 quilos satisfatoriamente distribuídos por 1,75 metro, formar-se-ia na Faculdade de Odontologia, na Urca, montando em seguida

um consultório na avenida Nossa Senhora de Copacabana, esquina com Joaquim Nabuco. Determinado a construir família e apaixonado, firmaria matrimônio com Irene Ramos, dando-lhe como o maior presente o sobrenome Freitas.

Sobrenome que Vera Maria, a caçula, herdara de nascença. Morena alta, de cabelos lisos, pele branca, aparência de europeia, simpática e com tendência para engordar, tinha uma beleza que lhe valia o corpo sempre inconstante. Adulta, ao ser desposada, Vera Maria não trocou os deveres de funcionária pública – trabalhava no IBGE, também na Urca – pelas tarefas do lar.

Antes de Vera, dando uma pequena volta na história, naquele segundo mês de 1920, veio ao mundo Heleno. Dentre todos, quem possuía os olhos mais brilhantes, cheios de vida. Ao mesmo tempo, disparado, o mais tímido, mais introvertido. E, paradoxalmente, o mais exaltado, como assegura sua prima Ema Zágari, filha de Maria de Freitas:

– Ele defendia os mais jovens, aprontava a maior confusão, se irritando com o que não achava certo. Desde pequeno foi assim.

Todos os irmãos eram muito queridos na cidade. Apontados como os mais bonitos e bem-cuidados da região, foram sempre tratados a pão de ló pelo pai e pela mãe, cada vez mais gorda, bochechuda, olhos carregados. Apesar da idade, Dona Miquita não se descuidava de apresentar-se sempre bem-vestida. Colecionava turbantes, mas não era de ostentar. Dona de um sorriso sincero, sua alegria de viver começava e acabava dentro de casa, onde passava horas contando histórias para os pimpolhos, e onde, com o passar dos anos, acolhia com educação e delicadeza os amiguinhos que seus meninos diariamente convidavam.

Não achava Dona Miquita que carinho demais podia atrapalhar a formação dos rebentos. Quanto a Heleno, por exemplo, o mimo era tanto que a matriarca o queria sempre limpinho, arrumadinho, engomadinho. Heleno pouco brincava no chão, como qualquer guri, fosse de bola de gude ou pião, temendo se sujar. Seu negócio era pique e corda de pular. Aos seis



anos começou a demonstrar notável interesse pela leitura. Ficava horas se entretendo com livros e coleções, sozinho, encantado.

Criança desconfiada, ansiosa, o pequeno Heleno temia cometer atos ridículos. Perturbava-se, por exemplo, quando um brinquedo seu quebrava. Era como se tudo estivesse perdido. Ficava agitado, impaciente. Mas era um mundo de felicidade e confiança quando se mostrava capaz de desempenhar sozinho qualquer tarefa solicitada, principalmente se o êxito viesse acompanhado dos honestos elogios dos adultos amigos de seu pai. Os de fora o tinham como muito agradável. Arrebatando-os com deliciosas gargalhadas, seu charme jovial conquistava qualquer um.

No café da manhã, porém, irritava-se se no copo de leite enxergasse vestígios de nata. Criado com regalias e fartura, os pais prometiam qualquer coisa que lhe interrompesse o pranto desconsolado. Seu Oscar era bastante amoroso com Heleno – instituíam a disciplina, não o castigo, enquanto sua mãe apoiava-lhe as tendências. Na profissão que optasse, daria a maior força. Desde que escolhesse ser médico ou advogado.

O problema é que, entre os irmãos, Heleno sempre foi o mais vidrado em futebol. Durante sua infância o esporte bretão tornou-se sucesso popular no país. Embora pretendesse seguir o roteiro dos irmãos, formando-se no Rio, Heleno não se desgrudava da redonda. Na cidade, havia um escaldado improvisado de campo, demarcado por quatro estacas, onde, entre pedras e buracos, chutou sua primeira bola, feita com meias de mulher, que perdia depressa a forma, ainda mais com todos a lutarem por ela ao mesmo tempo. Às vezes, podia ser encontrado ali, até porque gostava de pescar lambari num córrego próximo. Juntava o útil ao agradável.

Tinha muita intimidade com a pelota tanto em campos duros quanto nos de terra batida. Não tardou a treinar no Mangueira, sendo dirigido pelo mano Heraldo, um dos atletas do time de cima. O clube era o principal da região; o maior rival do Botafogo e do Operário locais. Aos sete anos, atuando entre os mais velhos, Heleno já cavava seu espaço. Da reserva do infantil, rapidamente se tornou titular. Ao contrário do que pregaria mais tarde o “Príncipe Etíope” Didi, para Heleno treino não era treino, era jogo – e de vida ou morte.